

Boas "The aims of ethnology", in
Race, Language and Culture.

Os Objetivos da Etnologia

Muitos relatos de viagem, redigidos nos termos mais detestáveis, - fornecem-nos descrições dos povos que habitam regiões estranhas, descrevendo o seu modo de vida como semelhante ao dos animais selvagens e negando a existência de qualquer indício de vida emocional ou racional - que merecesse a nossa simpatia. Nas primeiras descrições dos australianos, bosquimanos e fueguinos, estes aparecem frequentemente como as formas mais inferiores da humanidade, destituídos de qualquer sentimento - por obrigações sociais, sem lei nem ordem, sem imaginação e até mesmo - sem abrigo e ferramentas.

Se os viajantes que viram estes povos nos fornecem descrições deste tipo, não é surpreendente que outros, que jamais estiveram em contato com povos primitivos, aceitem esse ponto de vista dos primeiros e comecemos a entender a razão da questão que é sempre repetida: Qual é a utilidade de estudar a vida dos povos primitivos ?

Nem mesmo as tribos mais rudes correspondem ao quadro traçado por muitos viajantes superficiais. Inúmeros exemplos que mostram a superficialidade dos relatos fornecidos podem ser extraídos da extensa literatura sobre viagens. O famoso viajante Burchell encontrou um grupo de bosquimanos próximo ao Garib e forneceu-nos o relato mais fantástico da ausência completa de poder de raciocínio entre estes. Ele perguntou: qual é a diferença entre uma ação boa e uma ação má ? E como eles não puderam dar-lhe uma resposta que o satisfizesse, declarou que eles não tinham poder de raciocínio nem de discernimento. De um modo semelhante, - os fueguinos foram indagados sobre suas idéias religiosas em termos necessariamente ininteligíveis para eles, e como não puderam responder, - foi dito que eles não podem captar qualquer idéia que transcendessem as necessidades mais simples do cotidiano. Hoje temos um conhecimento maior e nenhum viajante cientificamente preparado ousaria fazer afirmações

deste tipo. Agora sabemos que os bosquimanos, que Burchell descrevia como muito pouco diferentes de animais selvagens, tem uma música bem desenvolvida, um amplo repertório de lendas e tradições, gostam de poesia e são excelentes narradores. Suas pinturas rupestres revelam um alto nível de habilidade e uma notável compreensão de perspectiva. Sabemos também que os fueguinos possuem uma organização social bem desenvolvida e que seus costumes são a prova de uma atitude religiosa profundamente arraigada.

Os andamaneses são um outro povo que deve sua má reputação aos relatos dos primeiros viajantes. Marco Polo, que visitou-os em 1285 disse: "Estes povos são como animais selvagens e asseguro-vos que todos os homens desta ilha Angamanain tem as cabeças como as dos cachorros, e os dentes e os olhos da mesma forma; de fato, suas faces parecem-se com as dos buldogues". Um escritor arabe do século dezanove diz: "A cor da pele deles é terrificante; seus pés são grandes, quase um côvado de comprimento, e eles andam absolutamente sem roupa". Comparem isto com a descrição de E. H. Man à quem devemos um melhor conhecimento deste interessante povo. Diz ele: "Foi afirmado que o sistema de casamento comunal prevalece entre eles, e que o casamento nada mais é do que tomar uma escrava, mas, longe do contrato ser considerado como um arranjo temporário a ser desfeito mediante vontade de qualquer uma das partes, não é permitido que a incompatibilidade de temperamento, ou outra causa, dissolva a união, e enquanto a bigamia, a poligamia, a poliandria e o divórcio são desconhecidos, a fidelidade conjugal até a morte não é a exceção mas a regra... Um dos traços mais notáveis de suas relações sociais é a igualdade marcada e a afeição que subsiste entre marido e mulher". Mesmo se esta descrição fosse considerada ~~abscurecida~~ ~~abscurecida~~, ela mostra no entanto que estas pessoas não são "como animais selvagens".

Assim, um estudo mais detalhado mostra que alguns destes povos de pior reputação não são tão rudes quanto os relatos superficiais queriam nos fazer crer, e somos levados a supor que as condições culturais entre todos os povos

entre todos os povos primitivos podem ser mais elevadas do que geralmente se admitia.

Nosso conhecimento das tribos primitivas em todo o mundo justifica a afirmação de que não existe povo algum que não tenha ideias religiosas e tradições definidas; que não tenha feito descobertas, que não viva sob a regra das leis dos costumes que regem as relações entre os membros da tribo. E não há povo sem linguagem.

A tarefa da Etnologia é o estudo de toda a gama de fenômenos da vida social. A língua, os costumes, as migrações, as características físicas são objetos de nossos estudos. Assim seu primeiro e mais imediato objeto é o estudo da história da humanidade; não apenas aquela das nações civilizadas, mas também a de toda a humanidade, desde seus primeiros vestígios encontrados nos depósitos da era glacial, até os tempos modernos. Devemos acompanhar o desenvolvimento gradual das manifestações da cultura. O objetivo que temos em vista pode ser ilustrado por um exemplo.

A profusão de lendas e tradições da Europa, e seus diversos costumes que persistem até os dias de hoje são bem conhecidos. As coleções de histórias de fadas de Grimm e as canções folclóricas reunidas em Wunderhorn de Brentano talvez sejam as primeiras tentativas sistemáticas de se reunir o material disponível. Grimm considerou as lendas e os costumes como sobrevivência do antigo paganismo germânico modificadas pelas mudanças da vida cultural. As divindades dos primeiros tempos eram interpretadas como forças personificadas da natureza. Quando o material coletado aumentou, esta teoria mostrou-se inadequada. Descobriu-se que certas lendas e cantigas ou superstições, que no começo foram consideradas de antiga origem pagã, foram introduzidas recentemente, e em vários casos ficou demonstrado que elas tiveram origem em regiões distantes. Assim como a Europa da idade média recebeu uma quantidade considerável de seus costumes, crenças e tradições do oriente, os quais foram modificados se

gundo os padrões culturais da europa as novas ideias exerceram sua influência sobre as condições sociais da europa. Por exemplo, M. Gaster tentou provar que a crença em bruxas da idade média, que persiste até os dias de hoje, foi introduzida na europa ocidental durante o século quatorze, relacionada com os ensinamentos dualistas dos cismáticos que difundiam o dogma do poder de Satã e da proteção dos Santos. Esses ensinamentos tiveram sua origem entre os cristãos Búlgaros do Sudeste da europa. Embora os pontos de vista de Gaster não sejam inteiramente aceitáveis e eles provam a forte influência da doutrina dos heréticos sobre as crenças e a literatura popular. Além destes elementos estranhos, os costumes e as tradições derivaram diretamente dos tempos pagãos, de maneira que o estudo da vida moderna nos leva de volta a formas culturais dos tempos primitivos.

Em sociedades primitivas o contato cultural exerce uma influência ainda mais significativa do que na nossa complexa civilização.

A famosa história da corrida da tartaruga e do lebre, ou do porco e do coelho pode servir como exemplo. Ela é encontrada no Marrocos onde o porco-espinho e o chacal são os competidores. No Camerum, o elefante e a tartaruga são os heróis, entre os hotentotes, a avestruz e a tartaruga. Os índios Tupi do Brasil contam a mesma história sobre o veado e a tartaruga, e parece plausível que eles a tenham apreendido dos escravos africanos. As lendas dos negros americanos oferecem um dos mais notáveis exemplos de transmissão, já que eles representam uma mistura de ideias africanas e européias, que, por sua vez, influenciaram as lendas dos índios americanos.

Tais transferências são encontradas não apenas nos costumes e nas lendas populares, mas também na mitologia, que mostram muitos vestígios de origem estrangeira. Os elementos semíticos da mitologia grega são bem conhecidos. Basta mencionar Afrodite e Heracles. Posso acrescentar um exemplo tirado das minhas próprias observações entre os índios da

Columbia britânica. No Sul, são encontradas várias lendas que se referem ao sol, sua origem e as guerras entre os animais e os seres celestes. No Sul do Alasca o corvo é o criador que fez o homem, a terra, o fogo e a a gua. Ele deu ao homem alimento e abrigo, invenções e a lei dos costumes. Ambos os grupos de idéias, embora bem distintos, difundiram-se ao longo da costa de tal modo que a mitologia é uma mistura inextricável destas idéias fundamentais.

Estas observações indicam que o primeiro objetivo da investigação etnológica deve ser a análise crítica das características de cada povo. Esta é a única maneira de atingir um conhecimento satisfatório das culturas encontradas em áreas mais abrangentes. Os meios à nossa disposição para fazer-mos uma análise como esta são variados : os traços físicos, a língua e a cultura são os resultados de processos históricos e podem, portanto, ser utilizados para o estudo da história. Para os tempos pre-históricos devemos nos contentar com o estudo dos vestígios.

Os traços físicos são herdados de uma geração para outra. Portanto, a primeira tarefa do investigador é de encontrar as formas permanentes características de cada área. Desde algum tempo tornou-se habitual procurar as principais características nas formas do crânio, em parte porque elas são estáveis, e em parte devido a razões práticas já que é mais fácil coletar crâneos do que outras partes do esqueleto, exceto os ossos longos. A individualidade do grupo é mais claramente expressa nas formas complicadas do crânio e sua forma não está sujeita aos hábitos de vida tanto quanto os outros ossos. Os crâneos muitas vezes se preservam enquanto outros ossos se decompõem, quebram ou se espalham, de modo que constituem o material mais disponível para o estudo das populações dos períodos mais remotos. Os dados baseados em medições de crâneos são simplesmente um meio características de constituição física em termos sucintos. Uma origem mista pode ser mostrada entre povos que formam uma unidade sob o ponto de vista da língua e da cultura. Assim, a Ásia menor

é habitada por povos que falam o turco, com a exceção, no entanto, dos gregos e dos armênios. O Dr. Von Luschan, que estudou recentemente os traços físicos destes povos, mostra que, sob este aspecto, eles diferem das outras populações de língua turca, mas que a maioria é do tipo semelhante ao dos armênios. No oeste predominam os tipos gregos e no sul, os árabes. Muitos dos povos de língua grega da Ásia menor são também de tipo armênio, enquanto aqueles da costa sul são árabes helenizados. Concluímos a partir destes dados que os primeiros habitantes da Ásia menor foram linguística e culturalmente assimilados pelos turcos invasores.

Como outro exemplo que mostra a importância destas investigações, podemos mencionar a distribuição dos pigmeus, para a qual o antropólogo francês De Quatrefages dedicou uma atenção especial. Mencionei anteriormente os bosquimanos, um povo pigmeu. As tribos de baixa estatura foram encontradas em várias partes da África Central, desde a região de Lagos até as cabeceiras do Nilo. Recentemente sua ocorrência na África Ocidental também foi registrada, de maneira que os antigos relatos de Heródoto são confirmados pelas observações atuais. Os andamaneses e algumas das tribos das montanhas da Índia, da Península Malaia, das Filipinas e de Formosa são igualmente de baixa estatura, e traços semelhantes podem ser observados entre as tribos da Nova-Guiné e das ilhas vizinhas onde eles parecem ter-se casado entre si. Entre a maioria destes povos, os homens não medem mais do que cerca de cento e quarenta centímetros. Os Akka da África Central são ainda mais baixos, medindo não mais do que cento e vinte ou cento e trinta centímetros. Embora estes tipos não sejam de modo algum anatomicamente idênticos, eles possuem alguns traços em comum, particularmente a baixa estatura e os cabelos duros e crespos. Sua presença em todas as partes do limite sul do Velho Mundo - onde incluímos a África - torna provável que eles sejam os remanescentes de uma antiga raça que foi dominada pela imigração de negros de estatura elevada na África, pela invasão do sul da Ásia por povos que vieram

do oeste e do norte.

Assim a investigação dos tipos humanos nos traz de volta aos primórdios da vida do homem. O método é baseado na permanência de formas anatômicas.

Um outro meio importante para investigar o começo da história é a língua. Muitas línguas sucumbiram mediante o afluxo de conquistadores, enquanto que em outros casos elas sobreviveram com leves alterações e se perderam as línguas dos conquistadores. Ainda em outros casos, as línguas antigas sobreviveram em áreas protegidas, em povoados distantes, em regiões estérteis, pantanosas ou em ilhas. Assim são vários dialetos Romano, o Basco, as numerosas línguas do Cáucaso da Califórnia e da África Ocidental. A história dos athapasqueses é esclarecida pelo fato de que as tribos isoladas da costa do Pacífico, os Navahos e os Apaches dos nossos estados do sul e os povos da área do Mackenzie falam dialetos pertencentes a esta família linguística. A descoberta de línguas Carib no Brasil lança uma nova luz sobre a história destes povos.

Existe um outro aspecto importante da língua. Enquanto as características anatômicas são importantes devido a sua permanência, as línguas mudam mais rapidamente e as mudanças são tais que esclarecem muito sobre sua história. As novas línguas se originam, desenvolvem-se e desaparecem. Das primeiras línguas surgem as novas através da mistura (como o inglês); e elas se desintegram de acordo com seu caráter fonético e seus processos gramaticais e segundo o destino dos povos que as falam e formam novos dialetos. Devido à mistura ou ao desenvolvimento interno estas mudanças são uma fonte fecunda de inferências históricas. Os métodos de investigação desenvolveram-se através do estudo de línguas indo-européias, mas algumas pesquisas iniciais estão sendo feitas para aplicar estes resultados a outras famílias linguísticas. A análise dos dialetos nos permite acompanhar a história das palavras e dos conceitos por longos períodos de tempo, abrangendo áreas distantes. A introdução

de novas invenções e a migração para países longínquos são frequentemente indicadas pelo aparecimento de novas palavras, cujas origens podem ser averiguadas. Assim, a história da língua reflete a história da cultura. Schrader e Penka aplicaram este modelo em investigações realizadas nas primeiras regiões ocupadas pelos povos de língua ariana. O nosso conceito das línguas de povos primitivos não está de uma maneira geral, suficientemente avançado para permitir uma análise semelhante. Para possibilitar isto, precisamos de uma literatura destas línguas. No momento, nem dispomos de vocabulários sequer adequados.

O terceiro meio para a investigação dos primórdios da história de povos que não possuem registros escritos é o estudo de sua cultura. Não é demasiado dizer que não existe um povo cujos costumes tenham se desenvolvido sem sofrer influências de uma cultura estranha, um povo que não tenha tomado de empréstimo artes e idéias que se tenham desenvolvido a sua própria maneira.

Um exemplo deste tipo digno de nota é encontrado entre os Fan, uma tribo que vive ao norte do Baixo Congo. Quando os portugueses descobriram o Congo, por volta de 450 anos atrás, eles encontraram arcos e flechas usados pelos negros. Os portugueses influenciaram a cultura dos negros de várias formas, que aprenderam dos primeiros o uso da "besta" (arma). Depois, quando a influência portuguesa declinou, os Fan conservaram o uso da besta. Não podendo imitar o mecanismo complicado da arma portuguesa, elas inventaram uma nova forma de disparo. Esta não era suficientemente forte para arremessar a flecha a uma longa distância; por esta razão, eles usavam flechas envenenadas para torná-las mais eficazes. No século XIX, quando os Fan foram redescobertos, foram encontrados de posse desta curiosa arma, cuja origem parecia bastante inexplicável a princípio. Imitações semelhantes de objetos europeus são encontradas nas ilhas do Oceano Pacífico. Assim, os nativos das Ilhas Fiji deram às suas bordunas a forma de canhões europeus e os chefes da Nova Inglaterra

terra adotaram a forma do chapéu dos almirantes britânicos como cobertura para a cabeça. Há alguns casos de dupla imitação. O arpão de aço usado pelos baleeiros norte americanos e escoceses é uma imitação ligeiramente modificada do arpão esquimó. Estes foram novamente imitados pelos esquimós.

Em alguns casos as imitações não se restringem a simples invenções. São conhecidos os casos em que a maior parte da cultura de um povo é adotada pelos seus vizinhos. Assim uma tribo africana que estava sujeira ao ataque dos guerreiros Zulu procuraram proteção adotando os costumes e os hábitos Zulu.

Por outro lado, existe um claro conservantismo onde minuciosas peculiaridades são retidas enquanto a vida geral do povo pode sofrer mudanças importantes. Assim, Edward Morse provou que os povos de grandes regiões continentais possuem em comum métodos de disparo de flechas que diferem daqueles usados em outras áreas extensas.

Em geral, o estilo de ornamento, as formas de implementos e armas são persistentemente conservados. Quando é introduzido um novo material, as formas antigas são frequentemente mantidas. Assim, as tribos que aprenderam a arte da cerâmica e que usaram anteriormente a cestaria em seu lugar, muitas vezes imitam suas formas em argila. As armas feitas com espinhos ou dentes são imitadas em entalhes de madeira ou pedra. As novas formas também podem ser imitadas em materiais conhecidos. Assim, os machados de bronze da Europa antiga eram imitados em pedra.

As tradições, e particularmente os versos e as melodias nelas contidas, são quase sempre retidas com grande persistência. As canções transmitidas de uma geração para outra podem diferenciar-se tanto do discurso corrente que se tornam misteriosas e ininteligíveis.

Reconhecemos que a vida de um povo, em todos os seus aspectos, é um resultado de sua história, onde se refletem a tradição tribal bem como os traços aprendidos por contato com vizinhos. Para o etnólogo, os

traços mais insignificantes da vida social são importantes porque são expressões de acontecimentos históricos, são parte dos dados à partir dos quais o passado deve ser reconstruído.

Pode-se dizer que o que descrevemos aqui seja a história da cultura, e não etnologia. Isto é verdade. A etnografia é parte da história da cultura, e não pode separar-se dela. Em virtude da ampliação do nosso conhecimento etnológico, reconhecemos que a história da civilização não pode ser compreendida sem um conhecimento daquela do homem primitivo. Ao mesmo tempo o desenvolvimento da etnologia é em grande parte devido ao conhecimento geral do princípio da evolução biológica. É uma característica comum de todas as formas da teoria evolucionista que todo ser humano seja considerado como o resultado de um desenvolvimento histórico. O destino de um indivíduo não influi apenas em si mesmo, mas também em todas as gerações sucessivas. Portanto, para entender um organismo não é suficiente estudá-lo enquanto uma forma estável, mas deve ser comparado com todos os seus ascendentes e descendentes. Este ponto de vista introduziu uma perspectiva histórica nas ciências naturais e revolucionou seus métodos. O desenvolvimento da etnologia é devido grandemente à adoção da perspectiva evolucionista, porque incutiu-nos a convicção de que nenhum evento da vida de um povo passa sem deixar seu efeito sobre as gerações posteriores. Os mitos contados por nossos antepassados e nos quais eles acreditavam, deixaram sua marca nos modos de pensar de seus descendentes que estavam sujeitos à influência de uma civilização estranha. Até o gênio mais brilhante é influenciado pelo espírito do tempo em que ele vive, por seu ambiente que é um produto de eventos do passado. Assim, a história da cultura ensina a continuidade de idéias e invenções começando com os estágios onde encontramos as tribos primitivas de nossos tempos. A história da ciência, das invenções e da religião deve se basear no estudo da vida das tribos primitivas.

Tenho empregado aqui, por toda parte, o termo "primitivo" sem

maiores explicações. Espero que isto não tenha dado a impressão de que eu considero estas tribos vivendo em um estado de natureza original, como imaginava Rousseau. Pelo contrário, devemos lembrar que todo povo primitivo teve uma longa história. Esta pode ter surgido por declínio de um estágio de desenvolvimento superior ou pode ter ascendido a seu estágio atual lutando contra as vicissitudes. Não há tribo primitiva que não esteja cercada por leis e costumes convencionais. Quanto mais primitiva, maior é o número de restrições que determinam cada ação.

Se achamos que a etnologia, enquanto uma ciência histórica, está intimamente relacionada com a história da cultura, esta ligação parece ainda maior quando nos voltamos para a segunda tarefa importante de nossa ciência. Uma comparação da vida social de todos povos demonstra que os fundamentos de seu desenvolvimento cultural são marcadamente uniformes. Segue-se a partir disto que existem leis às quais este desenvolvimento está sujeito. Esta descoberta é o segundo, talvez o mais importante, objetivo de nossa ciência e ...

Não há um contraste fundamental entre estes objetivos, pois a lei geral é expressa no fenômeno individual, tanto quanto o fenômeno individual é interpretado como uma exemplificação da lei geral. No entanto, o método utilizado para descobrir estas leis é característico e esclarece o caso individual, pois mostra quais destes traços são acidentais e quais são de aplicabilidade geral. Portanto, o método puramente histórico será incompleto sem um estudo comparativo. O estudo detalhado do caso individual nos obriga a voltar ao método comparativo, pois os meios de que dispomos para elucidar a história real das culturas são limitados. Os registros escritos não atingem a antiguidade remota e estão disponíveis apenas para umas poucas culturas. Os outros métodos que discutimos também são, muitas vezes, de pouca utilidade. Em todos estes casos, nada resta senão comparar os fenômenos sociais de áreas distintas e basear nossas deduções em suas semelhanças e diferenças. No prosseguimento destes es-

tudos, descobrimos que o mesmo costume, a mesma idéia ocorre entre povos entre os quais não podemos estabelecer qualquer conexão histórica, de tal modo que uma origem histórica comum não pode ser admitida e torna-se necessário decidir se existem leis que resultam nos mesmos fenômenos ou pelo menos em semelhantes, independentemente de causas históricas; em outras palavras, se o desenvolvimento da mente humana segue leis definidas. Assim se desenvolve a segunda tarefa importante da etnologia, a investigação das leis que governam a vida social, ou como é geralmente chamado, o estudo da psicologia de folk.

A primeira questão a ser respondida é se existem leis segundo as quais a cultura progride ou se seu desenvolvimento é accidental. Mencionamos anteriormente alguns exemplos da ocorrência de fenômenos semelhantes em regiões distantes umas das outras. Nestes casos, o etnólogo se defronta sempre com ~~duas~~ duas explicações igualmente possíveis. Os dois fenômenos podem ter-se originado de uma fonte histórica comum ou podem ter-se desenvolvido independentemente um do outro. Apenas em uns poucos casos gerais pode não haver dúvida. Por exemplo, o fato de que não existem povos sem religião ou sem arte; de que, em toda parte, alguma forma de organização social é encontrada, de que, em qualquer lugar, com o progresso da cultura, o indivíduo se torna mais livre, porque as diversas regras arbitrárias que governam sua conduta tendem a desaparecer - tudo isto pode ser justamente explicado devido às características mentais da humanidade.

O método de investigação do estudioso de psicologia de folk também pode ser ilustrado com um exemplo. Os resultados obtidos por investigações recentes sobre a história da família apresentam um excelente exemplo.

Os resultados das investigações filológicas e históricas referentes aos povos de línguas indo-européias demonstraram que a família era o fundamento da sociedade e que, baseados nela, a tribo e o estado se de

envolveram. A partir deste ponto de vista, parecia estranho que entre alguns povos o pai não fosse o líder da família, mas que muitas vezes a mãe tinha direitos que em tempos anteriores pertenceram ao pai. Assim, Heródoto conta que entre os lícianos as filhas herdavam dos pais, e não os filhos. Conta que em Atenas, no tempo de Cecropo, as crianças recebiam seus nomes de suas mães e, segundo Tácito, o irmão da mãe gozava de um respeito especial. As numerosas lendas das Amazonas também podem ser mencionadas. Da perspectiva de nossa cultura, estes costumes eram inexplicáveis, mas quando os costumes dos povos primitivos vieram a ser conhecidos, a história do desenvolvimento da família foi mais rapidamente compreendida.¹ (Entre muitas tribos primitivas, a descendência é unilateral e a criança é considerada como um membro da linhagem do pai ou da mãe; e não um membro de ambas. Quando a criança pertence a linha materna e a posição ou outros direitos são mantidos pelos homens, desenvolvem-se os conflitos; pois a criança não os herda de seu pai mas dos homens da linha materna, o que quer dizer de seu tio materno. Quando a família ^{que} consiste de pais e filhos forma uma unidade econômica e social, este tipo de organização leva facilmente a conflitos entre pais e filhos, e entre um homem e os irmãos de sua esposa. Portanto, há um elemento de instabilidade nestas instituições e é possível que elas se rompam e mudem para uma forma onde a criança pertença à linha paterna de modo que conflitos sejam evitados, ou que pertença a ambas.

Uma conclusão baseada em investigações deste tipo deveria ser enfatizada. Mostra que as reações emocionais que sentimos como naturais são, na realidade, culturalmente determinadas. Não é fácil para nós com

1- A passagem a seguir foi mudada devido à aceitação da visão corrente de uma precedência necessária de formas matrilineares de organização familiar. Esta visão é insustentável, uma vez que é impossível derivar de uma única fonte todas as formas de organização da família.

preendermos que a relação emocional entre pai e filho deveria ser diferente daquela com a qual estamos acostumados, mas um conhecimento da vida do povo com uma organização social diferente da nossa ocasiona situações onde surgem os conflitos ou obrigações mútuas de uma caráter bastante oposto àqueles com os quais estamos acostumados e que contrariam o que consideramos as reações emocionais "naturais" para com aquelas a quem estamos ligados pelo sangue.

Os dados da etnologia provam que não somente o nosso conhecimento, mas também nossas emoções são o resultado da forma de nossa vida social e da história do povo ao qual pertencemos. Se quisermos entender o desenvolvimento da cultura humana devemos tentar nos libertar destas algemas. Isto, só é possível, para aqueles que estão dispostos a adaptar-se as formas singulares de pensar e sentir dos povos primitivos. Se tentarmos interpretar as ações de nossos ancestrais remotos através de nossas atitudes racionais e emocionais, não podemos chegar a resultados verdadeiros pois seus sentimentos e pensamentos eram diferentes dos nossos. Devemos deixar de lado uma série de pontos de vista que nos parecem evidentes por si-mesmos, porque em tempos anteriores eles não o eram. É impossível determinar a priori aquelas partes da nossa vida mental que são comuns à humanidade como um todo e aquelas que se devem à cultura na qual nós vivemos. Um conhecimento dos dados da etnologia nos permite atingir este discernimento. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Ele nos possibilita portanto ver a nossa própria civilização objetivamente.

Quando se reconhece que costumes semelhantes possam surgir independentemente, não estamos mais propensos a inferir a origem comum dos povos à partir de semelhanças superficiais. Quantas vezes as tribos perdidas de Israel foram redescobertas - na America, Polinésia e Africa! Quantas vezes se supôs que as tribos perdidas da antiguidade teriam migrado através da fabulosa Atlantida para a America! O argumento para teorias extravagantes como esta é geralmente a ocorrência de algum tabu

ou ornamento encontrados em regiões muito distantes uma das outras.

Na verdade, o fato mais notável é que os mesmos fenômenos culturais se repetem nas partes mais remotas do mundo, e que as diversas formas complexas de pensamentos e ação que a mente humana desenvolve sejam repetidas e distribuídas de tal forma que uma conexão histórica é quase impensável. A lenda do Panteão é um bom exemplo. É a história do filho do sol que dirige a carroagem celeste e é abatido pelo raio Zeus quando ele fulmina a terra. Entre os índios da Columbia britânica o visão vai ver seu pai, o sol, carrega-o em seu lugar, e é abatido por pelo próprio pai quando ele resseca a terra. O costume de usar ornamentos grandes nos lábios é encontrado em partes da América, mas também na África equatorial. Recentemente Bastian tratou o espiritismo moderno do mesmo ponto de vista, mostrando sua semelhança com as práticas do espiritismo entre os povos primitivos.

A ocorrência frequente de fenômenos semelhantes em áreas culturais que não tem contato histórico, sugere que resultados importantes podem ser extraídos de ^{seu} estudo, pois mostra que a mente humana se desenvolve em toda parte de acordo com as mesmas leis.

O descobrimento destas é o maior objetivo da nossa ciência. Para alcançá-lo, serão necessários vários métodos de investigação e o auxílio de várias outras ciências; Até o momento, o número de investigações é pequeno, mas os fundamentos foram estabelecidos pelos trabalhos de homens como Tylor, Bastian, Morgan e Bachofen. Como em outros novos ramos da ciência, não faltam as teorizações apressadas que não contribuem para um desenvolvimento saudável. As teorias de longo alcance têm sido elaboradas sobre fundamentos frágeis. Reside aqui a tentativa de explicar a história como sendo determinada pela natureza do país em que o povo vive. Uma relação entre terra e história não pode ser negada, mas não pretendemos explicar o comportamento social e mental nestas bases e as "leis" antro-po-geográficas são válidas apenas enquanto generalidades

vagas, vazias. O clima e o solo exercem uma influência sobre o corpo e suas funções, mas não é possível provar que o caráter do país encontre expressão imediata no caráter de seus habitantes. Diz-se que o negro, vivendo na África tropical e sem se incomodar com a falta de alimento, é preguiçoso e não se preocupa em vestir seu corpo. Também se diz que o Esquimó ficou preguiçoso devido à longa noite polar que eclipsa sua imaginação. Infelizmente, tais generalizações são inteiramente enganadoras. Existem tribos de negros que punem qualquer indivíduo que aparece em público inadequadamente vestido; enquanto as tribos da Terra do Fogo que vivem num clima inóspito, vestem pouca roupa. Os Esquimó, durante a longa noite de inverno, encontram entretenimento nas danças, músicas e narrações de histórias.

Além disto, os princípios da evolução biológica foram facilmente aplicados aos fenômenos da história cultural e assim se desenvolveu, um sistema após o outro, revelando-nos de que maneira a humanidade caminhou dos níveis mais inferiores da barbárie aos mais elevados da civilização. O cientista cauteloso não pode seguir estes caprichos. Tentamos construir o desenvolvimento da ética moderna a partir de dados etnológicos, começando com a simples suposição de que a consideração do bem-estar dos membros da coletividade era útil ao indivíduo. O medo da vingança e o desejo da segurança são considerados como sendo a base de todos os conceitos éticos. A lei dos costumes pode ter-se desenvolvido de um modo semelhante a estas idéias, mas não é justificável concluir que esta seja a base, a única base dos conceitos de bom e mau. Entrar em maiores detalhes sobre este assunto iria nos afastar muito dos objetivos iniciais, mas pareceu necessário definir as limitações da ciência etnológica. Esta não nos dará informações a respeito das características fundamentais da mente humana. A etnologia não nos fornecerá informações sobre a origem dos conceitos de espaço e tempo, ou de causalidade.

Por outro lado, a etnologia pode contribuir com novas idéias pa

ra outras ciências, como a psicologia, filosofia e história. Vimos que a etnologia lida com a história dos povos primitivos. Seus destinos repetem, sob condições mais simples, numa escala menor, os mesmos tipos e de eventos que ocorrem na história da nossa civilização complexa. As nossas idéias são assimiladas segundo a cultura dos povos receptores. Elas se desenvolvem ou desaparecem novamente. É instrutivo ver como é difícil adotar novas idéias. A invenção não é difícil. Difícil é a retenção e o desenvolvimento posterior. Logo, quanto mais baixo o status cultural mais lento é o desenvolvimento. Por outro lado, é importante observar a luta dos indivíduos contra os costumes tribais. O mesmo tipo de luta à qual o gênio tem que se submeter entre nós, em sua batalha contra as idéias ou preconceitos dominantes, ocorre entre os primitivos e é de particular interesse ver em que medida o indivíduo forte é capaz de se liberar dos entraves das convenções.

A etnologia também pode contribuir muito para o estudo da psicologia. Nada é mais instrutivo para o estudioso da mente humana do que a uma compreensão do erro humano e para este tema a etnologia fornece uma grande quantidade de materiais. A eterna guerra entre o pensamento racional e a emoção, e o desenvolvimento histórico do progresso da razão sobre a tradição deve encontrar sua fonte principal nos dados da etnologia.

Esbocei rapidamente o escopo de nossa ciência. Não fui capaz de fazer mais do que caracterizar os perfis mais amplos dos objetivos que temos em mente. Em poucas palavras, tentei indicar os meios metodológicos que estão à nossa disposição. A história da humanidade está para ser reconstruída através de investigações de traços físicos, linguas e costumes. Queremos descobrir as leis que governam o desenvolvimento da mente através de uma comparação cuidadosa de suas variadas manifestações; e tentei indicar os limites além dos quais a etnologia não pode prosseguir.

Espero ter tido êxito em minha tarefa: mostrar que não é a vã

curiosidade ou o gosto pela aventura que induz o cientista a visitar os povos distantes, de graus de cultura aparentemente inferiores; que estamos conscientes de uma tarefa bastante digna dos maiores esforços quando coletamos dados sobre as linguas, os costumes e as lendas de tribos cuja vida difere da nossa em aspectos fundamentais.

Nota do título.

Conferência proferida antes da Deutscher Gesellig-Wissenschaftlicher Verein von New York, 8 de março de 1888, New York, Hermann Bartsch, 1889. Inclui este "paper" na presente coletânea pois ilustra a visão que eu tinha no começo no que se refere aos problemas etnológicos.